A utilização do grafite para a produção de sentido nas cidade: um estudo no projeto Caminhos do Graffiti em Londrina (PR)[1]

Laís Kellen Brito GUASSÚ[2]
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

O presente trabalho concebe a cidade como um espaço dinâmico, onde objetos e fenômenos se transformam no tempo histórico e social, em constante mediação entre habitantes e o espaço urbano. A escolha do tema fundamenta-se na compreensão da cidade como mídia, na qual a comunicação se manifesta por signos na arquitetura, nas práticas sociais e nos usos simbólicos do espaço. A cidade é interpretada como um organismo vivo e complexo, constituído por múltiplas linguagens. Nesse contexto, o objetivo geral consiste em avaliar a relevância do projeto “Caminhos do Graffiti” como ferramenta cultural alinhada à comunicação pública, contribuindo para novas leituras do espaço urbano e para a construção de uma identidade visual que transforma a percepção e o imaginário coletivo.

Palavras-chave: comunicação; comunicação pública, grafite, produção de sentido, espaço urbano.

Corpo do trabalho

A cidade pode ser compreendida como um laboratório comunicativo onde os seus objetos e fenômenos diversos produzem, segundo Ferrara (2015), sentidos por meio de sua arquitetura e de suas formas de comunicação, sendo configurados de acordo com o contexto histórico e social. Desta maneira, a cidade se define por identidades múltiplas, constituído pelos eixos sociais, econômicos, políticos, culturais e, sobretudo, comunicacionais. Esses espaços originam a multidão, o público, a massa, os meios técnicos e a própria tecnologia, não apresentando, portanto, uma identidade única. Essa heterogeneidade pode ser percebida através de olhares atentos às

[1] Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação Organizacional, Cultura e Cidadania atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.
[2] Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), bacharel em Relações Públicas pela UEL, e-mail: laiskellen@gmail.com.

paisagens e a tudo aquilo que as cerca. Embora a paisagem, em sua densidade visual, seja apreendida na fuga de um instante, é possível perceber a paisagem há uma mensagem. Ferrara (2015) ressalta que a experiência urbana ocorre em dois níveis distintos: o ser e o estar na cidade, os quais se vinculam a diferentes planos urbanísticos, semióticos e comunicacionais. Nesse processo interativo, a relação entre emissor e receptor transcende a unilateralidade, consolidando um fluxo cíclico de informações e signos. Essa dinâmica permite a constante revisão e reconstrução de saberes, resultando na produção de novos conhecimentos a partir da vivência do espaço.

O grafite reconhece na cidade, em sua totalidade, um espaço potencial de intervenção, abrangendo muros, viadutos, edificações, ônibus e monumentos. Essa prática ultrapassa fronteiras geográficas entre bairros e municípios, transgride limites de propriedade privada e não se submete a restrições quanto a suas formas de aplicação e funcionalidade, de acordo com Prosser (2006 apud Figueiredo, 2020, p.80). Para Leal (2023), a arte do grafite transcende os limites físicos dos muros e assume um papel constitutivo na subjetividade e na existência dos artistas urbanos, ou seja, a arte não se restringe a uma prática pontual, mas configura-se como um modo de ser e estar na cidade, no qual o fazer artístico torna-se parte essencial da constituição identitária de quem o realiza. Essa prática não se limita à mobilidade pelo espaço urbano, às técnicas de pintura ou às elaborações estéticas; ela envolve também a inserção em redes de sociabilidade que estabelecem vínculos, normas, éticas e moralidades específicas, responsáveis por organizar e estruturar o campo de atuação dos sujeitos que nela se engajam. No entanto, cada grafiteiro expressa em seus desenhos questões simbólicas que simultaneamente são vinculadas às suas vivências e experiências pessoais. Conforme Santaella (2007), o símbolo é, portanto, um signo que remete ao objeto que representa em razão de uma lei, geralmente baseada em uma associação de ideias, a qual atua de modo a permitir que o símbolo seja interpretado como estando relacionado a esse objeto. Embora seja algo particular e individual, também possui aspectos coletivos ao grupo e ao espaço ocupado por sua arte, motivo pelo qual, “os membros integrantes e produtores de graffitis possuem signos próprios, sendo compreendidos pelo público do próprio meio em que se inserem” (Blauth; Possa, 2012, p. 158). Desta forma, novas formas de comunicação

possibilitam que esses artistas elaborem novos imaginários a partir de seus próprios símbolos.

O grafite, como intervenção artística, ao dialogar com o ambiente e com os sujeitos que o habitam, rompe com padrões estéticos tradicionais e com a rigidez da arquitetura convencional, instaurando novas dinâmicas de comunicação e significação na cidade, é o caso do projeto Caminhos do Graffiti em Londrina (PR), um dos poucos projetos voltados ao graffiti de iniciativa pública, para conquistar espaços de grande visibilidade nas estruturas urbanas. Além de provocar transformações significativas na paisagem, o impacto dessa ação possibilita novos modos de percepção do espaço urbano. O projeto Caminhos do Graffiti, elaborado pela Secretaria Municipal de Cultura (SMC), foi executado pela Associação Londrinense de Circo, em parceria com a Rede Fábrica de Cultura, e contou com o patrocínio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura. A iniciativa teve por objetivo promover a mudança estética e simbólica de sete viadutos urbanos por meio de intervenções artísticas fundamentadas em temáticas diversas. Cada um desses espaços contou com a colaboração de múltiplos artistas visuais, fomentando a produção e a valorização da arte urbana enquanto linguagem legítima de expressão cultural. Os temas de cada viaduto são: Café, Pioneiros, Artes, Viação, a Cidade, TV e Rádio e sua Diversidade Étnica e Cultural.

O método de coleta de dados adotado neste estudo baseia-se na Deriva, abordagem que, segundo FERRARA (2015), permite capturar observações emergentes ao longo do deslocamento do pesquisador, exigindo dele um olhar atento às dinâmicas e aos estímulos do espaço urbano. Tal método distingue-se por sua capacidade de integrar múltiplas perspectivas em uma epistemologia unificada, favorecendo uma leitura sensível e interdisciplinar da cidade. Proposta originalmente por Debord (1993), a técnica consiste em uma passagem intencional e prematura por ambientes heterogêneos, tornando o conceito de deriva indissociável do reconhecimento dos efeitos de natureza psicogeográfica e da afirmação de um comportamento simultaneamente lúdico e construtivo. Desta forma, por experimentar a cidade através do método à deriva é possível percebê-la por meio de uma abordagem sensorial, adotando-se a postura de flâneur (Benjamin, 1994), um personagem que passeia pelo espaço urbano, despretensiosidade, mas está em constante observação e interpretações dos hábitos sociais. É comparado com um papel de detetive, pois sua

aparente ociosidade serve apenas para disfarçar o olhar atento de quem observa sem perder de vista o que investiga. Ele é um errante urbano, que experimenta a cidade por meio dos seus sentidos, como apontado por Vedovatte (2017).

Ao ocupar espaços tradicionalmente rotineiros e de rápido fluxo no planejamento urbano, como os viadutos, o projeto contribui para a ressignificação do espaço urbano, transformando esteticamente obras da arquitetura que prezam somente pela funcionalidade em galeria a céu aberto. O Caminhos do Graffiti reafirma, portanto, o valor estético, político e social da arte urbana e seu papel na construção de novas narrativas sobre a cidade e seus sujeitos. Deste modo, o graffiti se afirma como uma linguagem estética e política que, ao ocupar o espaço urbano, opera como mecanismo de ressignificação da memória e de insurgência simbólica. Em produções visuais que dialogam com a história da cidade, essa prática tem contribuído para reposicionar corpos negros no centro da narrativa histórica, de forma que reivindica a descolonização do olhar e a reconstrução de uma narrativa das artes mais plural, inclusiva e comprometida com transformações estruturais. Sendo assim, a arte urbana assume um novo papel, tornando-se uma prática de comunicação que se alinha às ações municipais não apenas de embelezamento, mas também de veiculação de discursos e imagens, construindo sentido e identidade para o local, contribuindo para que imaginários sociais sejam construídos a partir da arte contada. Além disso, novas estruturas arquitetônicas, como os viadutos, ganham um novo propósito. Antes apenas estruturas de trânsito, eles passam a carregar imagens e a comunicar, em uma das principais vias da cidade, símbolos que a representam. A posição geográfica do projeto “Caminhos do Graffiti” contribui para que um grande número de pessoas que transitam pela região de Londrina seja impactado pelas obras, movimentando a arte da periferia para áreas centrais da cidade.

Referências

ALBUQUERQUE, Dayane. Oficinas do Caminhos do Grafitti começam para ação no viaduto da Celso Garcia Cid. In: Blog Londrina. Londrina, 8 mar. 2022. Disponível em: https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=121811. Acesso em: 08 mar. 2026.

BLAUTH, Lurdi; POSSA, Andrea Christine Kauer. Arte, grafite e o espaço urbano. Palíndromo, Florianópolis, v. 4, n. 8, 2012. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3458/2479. Acesso em: 08 mar. 2026.

DEBORD, Guy-Ernest. Teoria da deriva. Óculum, Campinas, n. 4, p. 26-29, nov. 1993. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/revistaoculum/article/view/13571/10641. Acesso em: 08 mar. 2026.

FERRARA, Lucrécia D.'Alessio. Comunicação, mediações, interações. São Paulo: Editora Paulus, 2015.

FIGUEIREDO, Mônica Tablas Martinez de. Sustentabilidade afetiva e resistência: uma análise dos modos de vida e das intervenções artísticas urbanas. 2020. 117 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Londrina, 2020.

LEAL, Gabriela. Cidade: modos de ler, usar e se apropriar: a São Paulo do Graffiti. São Paulo: Editora Funilaria, 2023.

SANTAELLA, Lucia. O que é Símbolo. In: QUEIROZ, João; LOULA, Ângelo; GUDWIN, Ricardo (org.). Computação, cognição, semiose. Salvador: Edufba, 2007. p. 129-144.

VEDOVATTE, Vanessa Germanovix. Metáfora Visual e o semionauta urbano. 2017. 106f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.